

PUBLICAR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA PUBLISHING AS A FORM OF RESISTANCE

Augusto Sarmiento-Pantoja¹  
Ane Beatriz dos Santo Duailibe²  

RESUMO: O grupo de pesquisa Estudos de Narrativa de Resistência (Narrares), tem feito um esforço no sentido de disponibilizar aos pesquisadores dos estudos de literatura, arte, cultura, filosofia e política de resistência mais um número composto de nove artigos, três resenhas, uma entrevista e um conto chileno, com sua tradução para o português. Com o compromisso de divulgar a produção científica de pesquisadores da rede narrares e de outros colaboradores de pesquisa e arte.

Palavras-chave: Publicação. Estudos de Resistência. Narrares

ABSTRACT: *The research group Narrative Studies of Resistance (Narrares) has made an effort to make available to researchers of literature, art, culture, philosophy and politics of resistance another issue consisting of nine articles, three reviews, an interview and a Chilean short story, with its translation into Portuguese. With the commitment to disseminate the scientific production of researchers from the Narrares network and other research and art collaborators.*

Keywords: *Publication. Resistance Studies. Narratives*

¹ Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Docente de Literatura da Universidade Federal do Pará. Coordena os grupos de pesquisa Estudos de Narrativas de Resistência (Narrares) e o Grupo Estéticas, performances e hibridismos (ESPERHI). Bolsista Pós-Doutorado Sênior - PDS-CNPQ. E-mail: augustos@ufpa.br

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão. Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal do Pará. (UFPA). Bolsista PROEX/Capes. Professora substituta do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: ane.duailibe@ilc.ufpa.br

Escrever, em contextos marcados pela violência estrutural, pelo apagamento histórico e pela interdição das vozes, é mais do que um ato de expressão, é uma forma de resistência: de corpos, de memórias e de saberes. Com foco em sujeitos marginalizados, em corpos silenciados e em vozes apagadas, os textos desta edição da Revista Narrares emergem como vestígio daquilo que se recusou a desaparecer — e que agora se reinscreve como um sopro contra o silenciamento que se impôs sobre corpos dissidentes, saberes ancestrais e memórias interdidas.

Cada artigo, cada resenha, cada conto e entrevista aqui presentes emergem como uma fissura — uma abertura no discurso hegemônico — e nela se inscrevem memórias, resistências e reexistências. Nas obras analisadas, as vozes indígenas, negras, LGBTQIAP+, femininas e periféricas surgem como protagonistas de enredos que resistem à hegemonia da história oficial e às formas normativas de representação. É pela pluralidade dessas vozes — muitas vezes fragmentadas, híbridas, autoficcionalizadas ou poéticas — que se propõe outras formas de ver, de lembrar e de existir.

Escavar esses testemunhos não significa simplesmente restaurar fatos, mas, conforme Walter Benjamin (1994), permitir que o passado relampeje em um instante de perigo. É neste gesto arqueológico que se inscreve a leitura crítica de Rosani Umbach em *Violência e crítica social em Assunção de Salviano, de Antônio Callado*. Ao reler o romance de 1954 como arquivo de memória cultural e de denúncia, Umbach articula a narrativa ao gesto do historiador materialista, interrompendo a continuidade triunfal da história para escutar os fragmentos soterrados sob as ruínas do tempo. A violência retratada ali — nas estruturas da República nascente, no sertão castigado, nas vidas campesinas dilaceradas — é lida como continuidade histórica, que reverbera nas formas atuais de desigualdade.

Nesse mesmo esforço de reconfigurar os regimes de escuta e visibilidade, os artigos de Augusto Sarmiento-Pantoja sobre *O Karaíba*, de Daniel Munduruku, e o de Eveline Gonçalves Dias sobre *A Mulher Habitada*, de Gioconda Belli, estabelecem um diálogo sobre a retomada de narrativas ancestrais como forma de resistência anticolonial.

Em *Abya Yala, um território de resistência aos karaiá: a existência feminina na escrita de Daniel Munduruku*, Augusto Sarmiento-Pantoja propõe uma reflexão sobre o apagamento das vozes ancestrais femininas e a necessidade de reconfigurar o olhar sobre as tradições. Com base nas personagens Potyra e Maraí, o autor evidencia o apagamento histórico operado sobre os corpos originários e ressalta a potência da literatura, por meio da guinada subjetiva transcontemporânea, na formulação de um discurso de resistência.

Essa potência se desdobra na análise de Eveline Gonçalves Dias, em *Figurações da mulher indígena em A mulher habitada, de Gioconda Belli: um estudo sob a perspectiva pós-colonial*, ao explorar como as personagens Itzá e Lavínia rompem com a matriz patriarcal e eurocêntrica da história. Ao inscrever a experiência feminina indígena como núcleo da narrativa, a autora evidencia como as personagens constroem um campo epistêmico que desafia o patriarcado, o colonialismo e o eurocentrismo.

Em *Bailando com devires e rizomas memorialísticos na obra Quarto de despejo: confluências filosóficas, corpóreas e artísticas*, Carlos Adalberto dos Santos Cabral propõe um bailado conceitual que se move entre filosofia, literatura e corpo. Em *Quarto de Despejo*, Maria Carolina de Jesus é lida como uma coreógrafa de memórias, cuja escrita se desdobra em devires e rizomas, entrelaçando vivência, filosofia e resistência. A abordagem rizomática proposta pelo autor conecta o corpo-mulher-periférico à potência criadora da linguagem e do gesto, ativando a obra de Carolina como um espaço de transgressão estética e existencial.

Francisco das Chagas Ribeiro Junior e Augusto Sarmiento-Pantoja, em *Banditismo e realismo: os comedores de terra-floresta em Pssica de Edyr Augusto*, abordam as margens amazônicas a partir da figura do Preá, um personagem brutalizado e invisível. A obra é analisada a partir das representações do banditismo, da violência urbana e da marginalidade. O texto propõe uma crítica à representação simplista do pobre, do periférico e da mulher nas estéticas realistas e contribui para o debate sobre os limites éticos da representação literária em contextos latino-americanos.

Em *Trajetórias da identidade: um exame das memórias e reflexões em João Nery e Uma mulher diferente, de Cassandra Rios*, Saulo da Silva Lucena mergulha nas experiências LGBTQIAP+ em meio à ditadura civil-militar brasileira. O corpo transmasculino e a mulher lésbica são lidos como espaços de dissidência, resistência e vulnerabilidade. Ao abordar a passabilidade, a rejeição familiar e o enfrentamento da patologização, o autor nos lembra que os corpos dissidentes também são um campo de memória — muitas vezes subterrânea — que precisa ser escavada e narrada.

O cenário da ditadura civil-militar brasileira também aparece em *A terceira margem da história: autoficção e testemunho em K. relato de uma busca e Os visitantes de Bernardo Kucinski*, no qual Ane Beatriz dos Santos Duailibe propõe uma travessia pelas obras como territórios em que testemunho e autoficção se entrelaçam para dar forma à memória traumática da violência política. As narrativas habitam em uma terceira margem narrativa, onde o pacto entre autor e leitor é deslocado, abrindo frestas entre o real e o ficcional. Nesse espaço híbrido, a verdade não é dada, mas performada, figura como uma forma possível de elaborar o irrepresentável.

Marcelo Ferreira Pereira, em *Diálogos entre povos originários e religiosidade em Me llamo Rigoberta Menchú y así nació mi consciencia e Cuentos Amazónicos*, o entrelaçamento entre oralidade, resistência cultural e práticas sagradas. O texto opera como escuta de saberes ancestrais que resistem à colonialidade por meio da fé e da palavra. A religiosidade é apresentada como força vital e política dos povos originários, articulando narrativas que ultrapassam o campo literário e alcançam o território da espiritualidade e do pertencimento coletivo.

Em *Memórias da resistência à ditadura civil e militar de 1964 na Amazônia brasileira: os testemunhos do sentir de Liniane Haag Brum e Wanda Monteiro*, Tânia Sarmiento-Pantoja revisita experiências de resistência durante a ditadura militar brasileira a partir de dois testemunhos marcados pela perda familiar e pelo exílio. Para a autora, ambas as narrativas operam em um regime híbrido, operacionalizando um “testemunho do sentir” no qual a memória irrompe como um gesto político, bordando lembranças interdidas pelo tempo e pelas estruturas do esquecimento.

Clicie Nunes Adão, em sua resenha *Ancestralidad, memoria y libertad en Memórias Subterrâneas de Mudungazi*, elabora uma leitura crítica da obra do escritor moçambicano, *Memória Subterrânea* (2024), na qual revela os traumas da guerra anticolonial em Moçambique e os conflitos armados persistentes em Cabo Delgado. tensionando o esquecimento imposto aos povos Maconde, Macua e Mwani. Ao entrelaçar passado e presente, sonho e denúncia, a narrativa convoca a escuta de uma memória subterrânea que pulsa sob as camadas do visível e desafiando as narrativas oficiais. Nesta resenha, Adão propõe um diálogo entre os fragmentos da obra e os vestígios de dor, deslocamento e resistência que a atravessam.

Na mesma direção, José Reinaldo Alves Barros Filho e Luana dos Santos Ribeiro resenham *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico, de Márcio Seligmann-Silva*, composto por doze artigos do autor, que propões uma “virada testemunhal e decolonial” da história. Ao problematizar os limites do saber histórico tradicional, a obra sugere a memória como outro regime de verdade – como mais uma possibilidade de compreensão do passado, que reposiciona o sujeito como produtor de saber.

Memórias de Moçambique com Mudungazi, entrevista concedida a Daiana Nascimento dos Santos, Isaías Mucindo Armando Mate reflete sobre as camadas de sua criação, suas influências e revisita memórias do Moçambique pós-colonial e os conflitos em Cabo Delgado. Sua voz, atravessada por guerras, exílios e sonhos, inscreve a África em uma constelação de resistências compartilhadas.

Encerramos esta edição com *Equis*, de Alejandro Maríquez e Laura Chavez, texto-limiar que reverbera muitos dos temas aqui abordados: a memória como campo de disputa, a criação literária

como gesto de reparação e a resistência como forma de reexistência. Em meio a engrenagens, bibliotecas errantes e vozes entrecortadas, *Equis* se apresenta como alegoria daquilo que insiste em viver nas margens, mas que ousa desejar, cuidar e dizer.

As narrativas, aqui analisadas e produzidas, enfrentam o esquecimento, questionam a historiografia dominante e reivindicam a centralidade de experiências que, historicamente, foram empurradas para as bordas. Aos leitores, desejamos mais do que uma travessia textual, mas um mergulho nas palavras que resistem e em memórias que insistem em ressoar. Boa Leitura!

Os Editores

Como citar esta apresentação

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. DUALIBE, Ane Beatriz. Publicar como forma de resistência. **Revista Narrares** – V.2, N.2, Jul-Dez, 2024, pp. 13-17.